

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO. 15 DE OUTUBRO DE 1887
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 145 e 146

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	A EMPRESA.
«A Semana».....	ELOY, O HEROE.
Historia dos quinze dias.....	F. SÁRCEY.
O Volapuk.....	L. DE MENDONÇA
O pellicano, soneto.....	A. A. L. VIEIRA.
Palestras femininas.....	FISCHIO.
Casos patuoscos.....	R. OCTAVIO.
Filinto d'Almeida, poesia.....	S. OCTAVIO.
Notas bibliographicas.....	J. D. DA ROCHA.
A bda estrella, poesia.....	A.
Jornaes e Revistas.....	D. PICOLINO.
Platéias e salões.....	LUCINDO FILHO.
Virgilianas (de Ecloga).....	L. DE MENDONÇA
Paginas esquecidas — Noite de S. João.....	A. MENDES.
Adeus ao Filinto, poesia.....	TIO ANTONIO.
Festas, bailes e concertos.....	P. TALMA.
Theatros.....	M. FIGUEIREDO.
Collaboração — Soneto.....	J. DE ARAUJO.
Factos e Noticias.....	
Declaração.....	
Recebemos.....	
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

OÓRTE

Trimestre.....	28000
Semestre.....	48000
Anno.....	88000

PROVINCIAS

Semestre.....	58000
Anno.....	108000

No escriptorio d'este folha compram-se exemplares dos ns. 1, 2, 6, 23, 26, 45, 54, 56, 57 e 96 d'A Semana.

BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolba:

— *Symphonias*, 1 volume de vereos, de Raymundo, Corréa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Estelivro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Drenx, com as respectivas bingraphias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Poemas e Idylls*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolba:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.
— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

A SEMANA

Rio, 15 de Outubro de 1887.

Depois de dois annos e nove mezes de uma pontualidade extreme, realmente *britannica*, tem a nossa folha committido neste mez algumas graves faltas para com os seus assignantes.

Além de ter publicado dias depois do usual o seu numero 144, somente hoje publica o 145, tendo feito *synalepha* sabado passado. Para uma folha reputada séria e conceituada como nos desvanecemos de reconhecer a nossa, e que tem quasi tres annos de absoluta regularidade na sue publicação, o facto é grave e, até certo ponto, justifica, embora não auctorise, os desagradaveis boatos que alguns desaffectedos têm feito circular e e maligna noticia officiosa da nossa morte.

Felizmente tees noticias e taes boatos são mais perversos que verdadeiros.

Uma serie de imprevistos e lamentaveis circumstancias tem causado as irregularidades que somos os primeiros a confessar e de que pedimos desculpa aos nossos estimaveis assignantes.

A primeira d'ellas é a ausencia prolongada do nosso gerente, que tendo sabido, em serviço da folha, para o interior, em viagem rapida, a 12 de Julbo, ainda não regressou, contra a nossa expectativa e, devido talvez a alguma circumstancia de força melhor, tendonos participado que regressaria a 8 do corrente, até hoje não está de volta.

Além d'isso o director da folhe tem estado ausente da Corte e occorreu tambem que o noeso querido companheiro Filinto d'Almeida, tendo de partir para a Europa, como de facto partio, a 12 do corrente, vio-se obrigado a retirar-nos a sua preciose coadjuvação.

Por essas razões vim-nos forçados a retardar o apparecimento da folha e, para regularisar a sua publicação, a reunir em um só, hoje, os ns. 145 e 146. A falta do numero que, por esta forma, a contragosta, *synalephamos*, será compensada com um supplemento illustrado, ou de outro modo que, opportunamente, nos parecer proprio e conveniente.

Confiados na benevolencia e na sympathia com que tem sido sempre distinguida pelos seus assignantes, espera A Semana que as primeiras faltas graves que foi forçada a commetter, lhe serão generosamente desculpadns.

A EMPRESA.

HISTORIA DE QUINZE DIAS

A' vista da carta dirigida pelo Sr. Barão de Cotegipe á Camara dos Deputados, parece que o estado de Sua Magestade o Imperador é bastante grave. O nobre Presidente do Conselho declara que é inconveniente discutir a interpegação do Sr. Joaquim Nehuco. E' o caso de dizer a S. Ex. que não ponha mais na carta.

As famosas revelações do Dr. Dermal da Foneca ganharam credito depois da publicação d'essa carta, que inaugurou uma pequena reforma des praxes parlamentares.

O que eu não posso comprehender é a razão de todo esse mysterio no tocante á saude do nosso monarcha. Os brasileiros não sabem o que pensar sobre um assumpto que tão de perto os interessa. Dizem uns que Sua Magestade está inutilizado para o throno, outros dizem que o seu estado é satisfatorio, e agora o Governo declara, pelo organo do chefe do gabinete, que não convem dizer a verdade.

Mae que incanveniente ha em sabermos todoo se podemos ou não podemos contar com o Sr. D. Pedro II? Se as suas feculdades mentaes estão de facto alteradas, tanto peor, se não, tanto melhor, mas em ambos os casos o mysterio não tem nem pôde ter explicação plausivel.

Explica-se mais facilmente a enorme extração que têm tido os exemplares do *Homem*, o novo romance de Aluizio Azevedo. Está quasi esgotada a edição, e o auctor espera que outres se succedam.

E' que a este livro precedeu um pouco de *reclame*, e sem ella (convençam-se os nossos litteratos) não he publicação que vá por diante.

Nós queixamo-nos invariavelmente da indifferença do publico, mas em primeiro logar nos deveremos queixar da nossa proprie indifferença. Em Pariz, capitel das letras e das artes, nem um livro de auctor conhecido é publicado, sem que se arrebeite e pelle dos tambores da *reclame*. Com o *Homem* fez-se um ensaio que deu bom resultado;

faça-se o mesmo sempre que se annunciara um livro novo, ajudem-se os escriptores uns aos outros, e realizaremos esse ideal supremo—viver das letras.

Releva notar que o *Homem* é digno de todo o harulbo que se tem feito em volta delle. Aluizio Azevedo tem todas as qualidades de um bom romancista moderno. Estou convencido de que no inventario do nosso mesquinbo espolin litterario do presente seculo, nem um outro escriptor lhe levará as lampas em genero tão difficil.

Toda a imprensa tem sido concorde em dizer bem do livro. D'esse unisono de elogios só destoou o *Jornal do Commercio*, que be sessenta annos explora os romances que os francezes fabricam vertiginosamente *adusum* das parteiras e cosinheiras parizienses.

O velho organo, que lá tem em Pariz o Montepin, o Lermana, o Richebourg e outros—a escrever-lhe de graça romances pantafaçados ao sabor dos seus assignantes e leitores, não pôde realmente ver com bons olhos um rapaz de talento, ativo, independente e sobranceiro, pretender acclimar nestas regiões inhospitas a semente de novos processos litterarios.

Verdade seja que o critico da *Gazetilha*, com uma grosseria digna do *Jornal do Commercio*, declarou que leu apenas metade da obra. Não me parece que ficasse conhecendo o *Homem*.

Em todo caso, não se incomode o auctor com a opinião de um jornal que, sendo do commercio, não tem nem pôde ter voz activa quando se trata de litteratura e de arte.

Bem se importava Antonio Parreiras que o *Jornal do Commercio* dissesse cobras e lagartos do seu bello quadro *A tarde*, que por tree contos de réis acaba de ser vendido ao Estado, juntamente com os *Effeitos de uma tempestadade*, tela de grandes dimensões, que esteve ha tempos exposta no Gremio de Letras e Artes.

Purrairas é um paizegista de merito, que já agora, graças á acertada resolução do Governo, poderá ir a Pariz completar os seus estudos.

Falei incidentemente do Gremio de Letras e Artes.

Vae dissolver-se esta associação, fundada sob tão bons auspicios. Está convocada para hoje uma reunião, cujo objecto é dar-lhe o tiro de honra.

Morre o Gremio a golpes de ridiculo, eem realisar a sua aspiração de congratrar os homens de letras e fazer dos interesses de todos o interesse geral.

Continuem os litteratos a devnar-se

uns aos outros, e organisem até uma associação contra o espirito de associação.

A mim, se me vierem ainda convidar para fazer parte de algum club litterario, sou capaz de perder as estribelhas, e responder com murros ao convite. Aviso aos incautos.

Incutos ha razão de sobra para dizer dos que ainda aqui embarcam dinheiro em emprezas jornalisticas. Entretanto, de taes elementos poderão dispor Fulano, Beltrano ou Sierano, que consiga este quasi milagre de fazer um jornal que fructifique e prospere.

Se o talento, o prestigio e o caracter de um individuo podem afiançar a fortuna de um jornal, o Dr. Zeferino Candido vai fazer o milagre publicando a *Epocha*.

Bem avisado andou elle, chamando para administrador de sua folha o José de Mello, que, na qualidade de gerente da casa filial de David Corazzi, conhece perfeitamente o publico, pelas constantes e directas relações que ha muito tempo contrahio com elle.

Faço votos para que a *Epocha* — cujo primeiro numero apparecerá ao proximo sabbado — corresponda aos desejos dos numerosos amigos de Zeferino Candido.

Numerosos amigos acompanharam a bordo do *John Elder* o grande Filinto de Almeida, chronista effectivo d' *A Semana*.

Foi pena que Filinto partisse antes da estreia da companhia italiana que actualmente funciona no S. Pedro de Alcantara.

Que consolação teria o meu amigo contemplando os pés da Sra. Naghel, emprezaria da dita companhia,

Que pés!... que pés sem pés nem cabeça!...

Ao pé dos pés da Sra. Naghel, os pés de Filinto são pés de *Cendrillon*, dignos de ser cantados por Fernando Caldeira e Affonso Celso Junior.

E, infelizmente, não é só pela base que pecca a Sra. Naghel! Ah! que se ella tivesse voz e tivesse graça como tem pés... Mas ante-hontem, no papel de Juanita, mettuu constantemente os pés pelas mãos, e eu estava a ver o momento em que o publico das torrinhinhas substituiu as mãos pelos pés.

O que vale é que a companhia dispõe de outros artistas, que valem mais alguma coisa que a emprezaria, e calçam menos de 44.

Não appareça em scena, Sra. Naghel; contente-se com o seu papel de emprezaria; e quando não se diga que a empreza está em muito boas mãos, ao menos se dirá que está em muito bom pé.

No mesmo vapor *John Elder* partio para Lisboa Luciada Furtado Coelho, que deciddamente fez á arte o que a arte nunca lhe fez a ella: abandonou-a.

Ingrata Luciada!
E para tornar mais melancolica esta partida, o theatro Luciada — o theatro d'ella — desaparece, para dar lugar ao Eden — Concerto.

Emfim, antes isto que algum club carnavalesco ou salão de bilhar, como aconteceu ao Gymnazio e ao S. Luiz.

O Eden-Concerto será brevemente inaugurado com uma orchestra de trinta professores, dirigida pelo *mestzo*

André Gravestein, botequim, exposição permanente de arte e industria, jogos de sociedade, etc., etc., etc.

Agora é que todas as noites teremos no Luciada o *Demi-monde*...

Mas ai! onde está Suzanna d'Ange?

Já que fallei em theatro, direi ainda que o Heller poz em scena o *Moleiro de Alcalá*... só para moer, ou ser moído, e já tracta de substituí-lo pelo *Amor molhado*, de Varney. Este amor molhado nada tem de commum com a scena do referido *Moleiro*, em que o corregedor cae na levada do moinho, e vai por-se a seccar na cama da mulher do seu proximo.

Direi ainda que a companhia de zarzulas dá amanhã o seu ultimo espectáculo; que a do Principe fez ao Recreio o mesmo que Ramalho Ortigão fez a Santos, e foi para a Phenix, onde estreou hontem com o *Gallo de Ouro*; que ao Polytheama voltaram os japonezes, de quem gosto muito... pintados, e, finalmente, que no Recreio tem-se dado o contrario do que seria natural, isto é, o *Naufragio* tem produzido enchentes, quando das enchentes é que devia resultar o *Naufragio*.

ELOY, O HEROE.

O VOLAPÜK

Ha muito tempo, em os numeros 63 e 64 d'esta folha, escrevem o nosso collaborador Araripe Junior sobre o *volapük* — a nova, e ao, que parece, mais seria tentativa de *lingua universal*, — mostrando a utilidade do *volapük* e os seus grandes elementos de successo.

E' geral a propaganda em seu favor. Na imprensa parizense, que aliás não lhe tem poupadou pilherias e assovios, muitos distinctos escriptores têm quebrado lanças pelo *volapük*.

A frente d'elles está Francisque Sarcy, o eruditissimo critico e philologo, auctor do curioso livro *Le mot et la chose*.

Damos hoje um dos seus artigos, continuando assim a esforçar-nos para attrahir a attenção dos competentes para o estudo e subsequente propagação da lingua creada, após 20 annos de trabalho, pelo polyglotta Seleyer.

Parece-nos, no entanto, que Sarcy, combatendo os exaggeros dos *volapükistas enragés*, restringe muito os serviços que essa lingua poderá prestar, limitando-a ás relações puramente commerciaes.

A *Semana* offerece as suas columnas aos especialistas que desejarem discutir esta interessantissima questão.

Eis o artigo:

Muito se occupa actualmente todo o Pariz com o *volapük*, e não ha dia em que esta palavra heteroclitica não seja lida e discutida, porque os jornaes, ba quinze dias, não tem deixado de mettela a ridiculo.

O *volapük* é uma nova lingua, que tem a pretensão de tornar-se lingua universal.

Não seria desejavel, para commodidade das relações internacionaes, que todos os povos do Universo falassem a mesma lingua? Certamente. Cada povo tem por seu turno querido impor a sua lingua ao mundo; os gregos a principio, os romanos depois, os francezes nos seculos XVII e XVIII e actualmente os allemães e os inglezes.

A luta pela supromacia — que se caracteriza na ordem politica por batalhas, seguidas de victorias o de derrotas, na ordem economica pelas rivalidades de industria e de commercio — a luta pela supremacia dá-se igualmente no terreno da lingua. Durante longo tempo fomos os primeiros na Europa; hoje a nossa lingua recua, á proporção que decresce a nossa influencia. Allemães e inglezes sobrepuzam-nos.

Mas qualquer que seja o desenvolvimento que possa tomar esta lingua nos tempos modernos, será sempre diminuta a porção da Humanidade que ella subjugar, se ao numero das nações a que ella conseguir impor-se, se comparar o dos povos que permanecerem fóra da sua acção.

O inglez, por exemplo, é sem duvida de todas as linguas faladas sobre a superficie do globo a que conta maior numero de adherentes; no entanto contam-se por centenas de milhões os homens que a ignoram! Ha esperanças de que ella conquiste o resto da terra? Nada é menos provavel. Cada nação prende-se á sua lingua, que é para ella como uma emanação da patria; ella não aprende da lingua de um povo visinho senão o que lhe é preciso conhecer para as necessidades das relações commerciaes.

E' claro que se o bom Deus pudesse reunir no recinto d'essa mesma torre de Babel, onde a lenda pretende que nasceu a confusão das linguas, os representantes de cada uma das nações que povóam o Universo, e lhes dissesse: «Meus filhos, entendei-vos afin de escolher uma lingua que será unanimemente falada em todo o Universo», cada uma d'ellas responderia logo: «Tome a minha; é a mais commoda, é a mais suave, é a mais rica e é a mais agradável; é, a toda a respeito, a melhor.»

Depois d'este conselho amphictyonico ficar-se-ia na mesma. Cada povo agarrar-se-ia com unhas e dentes á sua lingua, como cada capital se agarrou ao seu meridiano, quando se tractou de escolher um que fosse commum á todas as nações. Se não cederam então, quanto ao meridiano, (e a cousa no entanto era de magna importancia) com mais forte razão não cederiam nunca quanto á lingua, que se prende ao coração de cada povo por meio de raizes muito mais profundas.

Não terão pois, os povos outro remedio, se quizerem esses modos de *dizer* que não aprendem a lingua uns dos outros.

Ha tres que é absolutamente preciso saber: o francez, o inglez e o allemão. E mesmo sabendo essas tres, não pôde ninguem ter a certeza de se fazer comprehender pelo resto do mundo civilisado. E não é cousa facil aprender aquellas tres linguas. Além de serem consideraveis os seus dictionarios, cada uma d'ellas tem uma syntaxe particular, que não é commodo metter na cabeça.

Cada uma d'ellas abunda em irregularidades e em excepções; em cada uma d'ellas formigam esses modos de *dizer* que recebem o nome de idiotismo, porque não particulem á lingua em que se acham e porque constituem o eacento dos indigenas, mas são o desespero dos estrangeiros, porque os taes idiotismos não podem ser explicados pela logica ordinaria dos processos liaguaticos.

Ha muito tempo que os philologos se consultaram sobre este ponto: se não se poderia fabricar scientificamente, e com todas as peças, uma lingua inter-

nacional, cuja syntaxe fosse reduzida ao seu minime, cujas conjugações fossem simplificadas de modo a serem aprendidas em dez minutos, cujas palavras fossem pouco numerosas, porque não se trataria de n'ella oxprimir matizes de sentimentos nem ideias muito complicadas: Só se teriam palavras para o uso corrente, palavras que, d'algum modo, fossem os signaes algebricos dos objectos, palavras sem cor, sem vida, palavras uteis e nada mais.

O dictionario seria dos mais restrictos, pois que cada palavra poderia, graças a prefixos ou a suffixos sempre collocados do mesmo modo, formar ou o substantivo, ou o verbo, ou o adjectivo, ou o adverbio. Com quinhentas ou seiscentas palavras — raizes ter-ae-ia o melhor dos vocabularios. Não seria cousa do outro mundo aprender acicentas palavras.

Nada de syntaxe, nada de difficuldades orthographicas. Se uma tal lingua fosse bem feita, em oito dias todos a aprenderiam e torna-se-ia ella rapidamente uma lingua universal.

Uma lingua universal, comprehendamos. Ninguem teria a pretensão de substituir por esta lingua algebrica as linguas existentes. Não; cada povo guardaria a sua.

Não se serviria d'esta nova lingua se não para as relações internacionaes, para a permuta de ideias provenientes do commercio. De mais a mais, estas ideias são pouco numerosas e isentas de subtilidades.

Eis o problema a resolver. Ha dois seculos que muitos sabios metteram mãos á obra a esse trabalho. Desde que tratei d'esta questão no jornaalismo, os fabricantes de projectos mandaram-me memoriaes e os eruditos indicações, que muito me admiraram. Fiquei estupefacto vendo quantos espiritos, o espiritos distinctos, se apaixonaram por este estudo.

Excusado é dizer que, por minha parte, não tracto de examinar o valor d'estes trabalhos. Tomei o partido do *volapük*, que é o ultimo dos projectos de lingua universal, não porque o *volapük* me parecesse ser a melhor solução do problema, mas sim porque fora bem acolhido na Alemanha, e porque em França era patrocinado por um grande numero de homens instruidos e inteiramente dedicados a elle.

Ha presentemente na maior parte dos portos maritimos francezes cursos de *volapük*, que são muito frequentados. Em Pariz, é elle ensinado na escola de estudos superiores commerciaes e cursos particulares têm sido abertos em diversos pontos da capital; são muito concorridos e augmenta diariamente o numero de individuos que falam correntemente o *volapük*.

Basta o auxilio de uma grammatica e de um dictionario para que, sem mestre, se possa aprendel-o; porque não ha lingua no mundo que seja tão simples.

Julgai o quanto devem terrido com o *volapük* os espirituosos de mão gosto. Os jornaes, tendo o *Figaro* á frente, não se cansam de atirar motejos sobre esta nova lingua, cujas connoçancias desuadas lhes pareceram barbaras. Divertiram-se apresentando-nos um *volapükista* falando de amor á sua amante n'esta lingua selvagem, um poeta procurando rimas *volapükistas* etc.

E' tudo isso, talvez, muito engraçado, mas não é justo.

O *volapük* não é, nem pode ser outra cousa mais que um agente de transmis-

são entre dois homens de nacionalidades diferentes, que necessitam de se entender sobre materia de seu commercio.

E' inutil portanto que o *volapuk* seja lingua sonora ou brillante, que se preste ao espirito, que possa ter o colorido dos mil matizes de sentimentos ou de ideias que as outras linguas exprimem. Quanto mais secca, precisa e fria for, tanto mais valerá para o uso que d'ella se quer fazer.

Enfureço-me quando vejo os partidarios do *volapuk* fazer versos nesta lingua, ou traduzir nella os poetas francezes. Desgraçados! se o *volapuk* é lingua litteraria, não passa de lingua como todas as outras, mais facil que todas as outras e, que tem o defeito de augmentar-lhes o numero sem utilidade.

Conservemos ao *volapuk* o seu caracter de lingua pura e exclusivamente commercial. Por este modo poderá o *volapuk* prestar grandes serviços se for adoptado por todos os negociantes do Universo.

FRANÇISQUE SARCEY.

O PELICANO

(A Raymundo Corrêa)

Sacia todo o ardor de tua sede
No melhor do meu sangue: bebe! esgotta
O coração,— a rubra taça... Embota
A garra, dos meus musculos na rida.

Qual mergulha nas ondas a gaivota,
Embebe-te em meu seio amargo... Queda
Teu simpatia ferros ante a parede
Que meu peito lhe oppõe.—Mas eis que brota

A recalcada lagryma insistente,
Que já nos olhos, trêmula, me brilha,
E pela face rola-me fervente.

Ah!... ninguém viu!... e esta alma não se humilha!...
—Acaba-me sem dó, mas mudamente,
O' minha dor, ó minha nobre filha!

1887.

LUCIO DE MENDONÇA.

PALESTRAS FEMININAS

VISÕES

Levaram-lhe o filhinho amortalhado nuns pedaços de seda branca, restos de seu vestido de noivado.

Ficou vazio o berço, vazio o quarto estreito, que parecia enorme á desolada mãe.

Desde que lhe morrera o esposo não tivera a infeliz Martha um sorriso, e ao tomar nos braços o pequenino Gualter, retrato vivo do pae, pensava muita vez: Que veio fazer ao mundo esta criança?

Para que existe este entesinho?

Porque o não levou elle comsigo?

Faz-me mal vel-o sorrir, e o seu chorar enlouquece-me!

Uma noite admirou-se a desventurada de que o pequenito a não tivesse despertado com os seus gemidos desejosos do seio materno, sentou-se na cama e estendeu a mão para o berço: encontrou o rosto do filhinho e reti-

rou-a rapidamente, dando um grito de horror.

Quiz accender a vela, e o unico phosphoro que continha a caixa estava humido e não deu luz... Então tomou nos braços a criancinha gelida e descoordada, e, ás escuras, beijou-a, soffrega, chamando-a pelos mais ternos nomes... O innocente agonisava... Martha tentou fazel-o pegar no peito turgido, mas aquella boquinha insensível estava cerrada e fria... bafejou-o... aqueceu-o... em vão... Gualter, o seraphim de olhos negros e tristes, que ainda na vespera era a inveja de todas as mães, morria... morria sem ruido... sereno!

O que soffreu, na escuridão d'aquella eterna noite, a pobre Martha!

De repente, dos labios do filho, que ella unira aos seus, e que orvalhava com as suas ardentes lagrymas de martyr, sahio um suspiro tremulo e longo, e aquelle corpinho, formosissimo e branco como a neve, estremeceu... Mais nada.

Quando Martha comprehendeu que lhe morrera o filho,, exclamou, levantando o cadaver nos braços, com um gesto de louca:

— Gustavo! ah! tens teu filho, ah! tens o que me restava de ti; leva-o!

Numa restea de luz, que passava pela fresta da janella, vio ella então o marido, envolvido num comprido manto branco, e ouviu-o distinctamente dizer-lhe, com a doce voz com que lhe falava de amor outr'ora:

—Dá-m'o. Vim buscar-o porque assim m'o pedias sempre. Elle ó agora meu só; assistiremos juntos ás tuas saudades. Adeus!

Martha desmaiara; quando lhe voltou a vida, era dia e achou-se só, na cama em desalinho, tendo o corpo do pequenino atravessado sobre o seu peito entumescido.

Deitou-o no berço e foi cambaleando abrir a janella por onde entrou o sol, que inundou o quarto em desordem.

Vestio-se á pressa e desceu, do sotão em que morava, á casa da proprietaria, a madrinha da criança morta. A comadre Rita subiu, contemplou o afilhado longamente, beijou-lhe a fronte e disse:

— Olhe, comadre, esta morte, assim repentina, foi castigo de Nosso Senhor Jesus Christo, por andar a comadre sempre a maldizer-se por ter perdido o esposo e ficado com um pequenino nos braços... Tanto pediu ao pae que o levasse que elle veio buscar-o.

—E veio! respondeu Martha, empalidecendo.

A Sra. Rita chamou a filha, a Emilinha, que adorava o pequeno, e com outra vizinha vieram amortallar o anjinho.

«Olhem, disse Martha ajoelhada ao pé do berço, ali, naquelle armario, está o meu vestido de noivado: érico... é de seda pura, deu-m'a a santa senhora que me creou e foi madrinha do meu casamento, ha apenas 2 annos!!

«Tambem ella partio já para o ceu... Cortem o vestido da mais feliz das noivas, e enfeitem com elle o cadaver do mais formoso dos filhos, o despojo do meu ultimo affecto!

«Quero que o meu Gualter vá tão lindo para os anjinhos que até elles o invejem. Na caixa verde estão o véu e as flores de lorangeira. São tambem d'ello.»

D'ahi a instantes chegou o caixãozinho cor de rosa, ultimo presente da madrinha ao defuntinho, e, deitado

nelle, Gualter parecia o menino Jesus num oratorio!

Que belleza e serenidade no sorriso que se lhe immobilisara nos labios descolorados! Emilinha tecera-lhe uma grinalda de angelicas e jasmims, onde tremiam como orvalho as gottas luminosas do seu pranto.

Martha estava como louca: ora chorava, ora cantava, com voz mal segura, a canção com que costumava adormecer o filho... ora ficava immovel, muda, com os olhos fixos no anjinho amortalhado.

A tarde levaram-n'o, e a mãe, como um automato, desceu atraz do caixãozinho cor de rosa, e teria sahido para a rua se a comadre a não puchasse para dentro de casa, d'onde, por traz das venezianas, ella vio collocarem-n'o em um carro doirado e as 4 meninas vestidas de branco, que iam acompanhal-o, subirem para outro. Contou 8 carros de acompanhamento e disse a sorrir: «Quando elle se foi baptisar ja Gustavo como elle e levava mais carros: eram 18!—18! pensou, que numero fatal!»

A noite foi para cima; pedira á Sra. Rita uma caixa de phosphoros; ao abrir a porta pareceu-lhe que alguém eubalava o berço: riscou o phosphoro, a tremor, e, ao claro indeciso, vio desfazer-se no ar o vulto de Gustavo, parecen do arrebatado do leitossinho vazio o pequenino Gualter.

— Que illusão! pensou a misera.— Accendeu, regelada, o lampeão de kerose, e, sentando-se ao pé do berço, tentou rezar; mas, ao terminar a primeira Ave Maria, um sopro murmurou-lhe ao ouvido:

— Amen — Arripiaram-se-lhe os cabellos, voltou-se, e no canto mais escuro do quarto vio uma nuvem de fumo, como se ali agitassem um thuribulo,— Correu de novo á casa da comadre, contou-lhe as visões que tivera, e a Sra. Rita disse convicta:

— Isso é febre, eu vou ficar hoje no seu quarto, a Emilia leva-nos lá acima agua de flor e assucar.

Depois de muito conselho, deitaram-se.

A comadre Rita murmurava ainda as ultimas palavras do Bemdicto e já dormia.

Martha cobrira a cabeça.

Descendeadou-se uma tempestade medonha então: a colxa em que a infeliz escondera o rosto tornou-se transparente e ella com os olhos muito abertos percebeu que entravam... Mão invisível abriu o bahu de Gualter e começou a juntar, numa toalha estendida, toda a roupinha do anjinho... Junta a roupa e atada a trouxa, destacou-se no mesmo canto escuro onde ha pouco a pobre mãe vira o fumo, o longo manto branco da visão, e o espectro de Gustavo falou assim: —Gualter tem frio!... Vou agasalhal-o. Ah! tens o que te deixa...

Uma rajada furiosa abriu de par em par a janella e um objecto cabio sobre o peito de Martha, que deu uma gargalhada estridente.

O vento, que impellira a janella, desprendera do cabide pregado na parede por de traz do leito o primeiro par de sapatinhos de polimento de Gualter o o arremesara sobre o seio dolorido da infeliz—que enlouqueceu.

A comadre Rita acordou sobresaltada e vio Martha, que continuava a rir, beijando os sapatinhos e gritando: — Aqui está o que elles me deixaram, isto é meu... é meu...

ADELINA A. L. VIEIRA.

CASOS PATUSCOS

Alcindo Minor Aranha da Guanabara é teimoso, teimoso como o cavallo de bronze do Rocío.

Turrou que havia de me descompor — para não responder-me á triplice interpeção, em que ha quasi um mez, o trago entalado, e não ha meio de arredal-o d'ali.

Aranha, que com tanto entusiasmo, —sob outra mascara, a de Nestor,— applaude o Sr. Barão de Cotegipe, por conta e ordem do patrão, devia imitar S. E. e responder-me como elle respondeu á interpeção Nabuco:

«Ha inconveniente na discussão de semelhante assumpto.» Seria, além de mais honito — por mais franco — mais ministerial — o que para o Sr. Aranha é consideração de monta.

Mas tambem eu sou teimoso. Sua Aranhencia acirra-se em descompr-me — para não responder-me; eu teimo em não descompol-o — para obrigar-o a responder-me.

Ahi está.

Mais uma vez, reproduzo a triplice questão, base e razão unica d'esta pendencia:

«I São asneiras ou não são asneiras os trechos do Dr. Pinto, que, como taes, transcrevi na Semana n. 142?»

II Tem o Dr. Pinto, com tal syntaxe, revelando tão crassa e funda inguonancia da sua lingua, auctoridade pontifical para sagrar o primeiro poeta brasileiro?

III Porque não protestou, e que tem a protestar o Sr. Alcindo Guanabara contra a caricatura em que Angelo Agostini o representou a redigir o *Novidades* sob o dictado do Sr. ministro da Agricultura, em uma das mesas da respectiva secretaria?»

Unicamente a este terceiro puncto fingio dar uma resposta a astuta aranha do *Novidades*, escrevendo isto: «Em summa, Valentim pensa que sou um canalha porque não protestei contra a allusão, que perfilha aem maior cerimonia. A esse Angelo eu não dei effectivamente resposta, porque ainda não tive tempo de me aperceher de sua existencia. De resto, quando um jornal insulta a todo o mundo, não sei porque se ha de a gente magoar quando lhe toca a vez, a menos que se não seja do 1º regimento de cavallaria, que já deu signal de si.

E mais nada. Ora isto não é resposta: é evasiva, é fuga, é deserção, é confissão, é fiasco!

Não protestou porque ainda não teve tempo de se aperceber da existencia d'esse Angelo!

Mente por quantos dentes sujos tem na bocca, quer dizer: por todos os dentes. Quando Guanabara escrevia na *Gazeta da Tarde*, e era abolicionista e republicano, (*Quantum mutatus ab illo!*) nas muitas noticias que deu da *Revista Illustrada* cobria de adjectivos encomiasticos, de flores e hurras, esse Angelo; dizia d'elle o que Mahomet dizia do paraizo de Allah. E agora vem, impavidamente, dizer-nos que não teve tempo de dar pela existencia do Angelo, do Angelo que, no tempo em que Aranha ainda não sonhava enredar o primeiro fio da teia em que, muitos annos mais tarde, devia apanhar um emprego na secretaria da Agricultura, já era uma reputação, um nome feito, applaudido em todo o imperio. Mas vá que assim fosse; o facto de não saber que existia esse Angelo, antes da tal caricatura

esmagadora, não o dispensava de responder-lhe, depois que, por ella, veio a saber que Angelo, (sempre esse,) existia. Porque não protestou então? Porque a *Revista* insulta a todo o mundo? Mas aquillo não era insulto: era accusação. Guanabara, que, depois de haver sido companheiro de Joazé do Patrocínio, que foi seu *discipulo*—como o confessou não ha muito tempo, em um banquete, —passou a ministerialista *quand même*, a defensor da esclavagismo e do conservatorismo, á frente do *Novidades*, notoriamente, publicamente, á visia de Deus e de todo o mundo, e, depois d'isso, obteve um emprego na secretaria da Agricultura, —foi representado por Angelo, pelo tal esse, escrevendo automaticamente sob o mando, sob a direcção mecanica do ministro da Agricultura. Onde, e qual o insulto da parte do ineigne artista? Que teria Guanabara a protestar contra tal accusação? Foi o que perguntei; foi o que Guanabara não respondeu: e não respondeu porque não podia responder.

E, se algo pode responder, porque não responde?

Tinha eu, portanto, carradas de razão quando disse que escriptor patusco è elle Aranha, elle Guanabara, que chama escriptor patusco ao primeiro collega que protesta contra as aaneiras grammaticaes de um seu amigo, (se é que o Schopenhauer do largo do Paço tem amigos, o que elle é o primeiro a ignorar) e que não pode responder, senão com insultos, a uma interpellação tão clara, tão simples e tão grave como aquella com que o tenho trazido de canto chorado, ha dois quinze dias.

Mais uma vez, e a ultima, meu pobre Aranha, responde aos tres pontos da minha interpellação. Deacompor-me não é responder-lhes.

Reapponde, responde, responde!

Afinal, Guanabara já perdeu de todo a tramontana, já não sahe o que diz. A prova está em que, tendo dicto, no topico transcripto, que eu perfilhei («sem maior cerimonia», por signal) a allusão d'esse Angelo (elle chama aquillo *allusão!*) eacreve, linhas abaixo, que «lamenta não ter eu perfilhado e escarrado a cousa, quando outro dia nos vimos no *Derby*».

Esta agora é nova.

Quer então Guanabara que eu, (segundo elle proprio confessou) depois de ter perfilhado a tal *allusão* pela imprensa, ainda a perfilhe e *escarre* de viva voz, sempre que me encontre com elle?!

Não, meu caro aranhigo, o teu systema é commodo... mas sómente para ti. Para os teua contendorea é por demais trahalhoso.

Se para um homem ter a honra de ser *escovado* pela tua dignidade offendida é preciso que elle te leia ou repita de côr, sempre que te encontrar, os artigos que contra ti escreveu, declaro-o desde já: desisto de tal honra.

Massadas não me faltam. Já não têm sido poucas, nem pequenas, as de ler-te os artigos e escrever outros para patascar com os teus.

Adeusinho.

FISCHIO.

P. S. Olha, não te esqueças de te lemhrares de responder áquellaa tres velhas perguntinhas.

F.

FILINTO D'ALMEIDA

Toda a felicidade e a historia toda
Vou dizer de um poeta afortunado
Que ora nos deixa em husca de ventura,
Que parte para a Kolchida, em demanda
Do conquistado Vellocoino de oiro,
Que a luz vae ver em que offuscado vive,
Se bem que a tenha longa dos seus olhos,
Que o supremo ideal da vida, o sonho,
O ultimo sonho que lhe brilha na alma,
Vae, num momento do indizível goso,
Ver desrochar-se como a flor do lotus,
Que ease momento uma só vez se gosa.

Ao Filinto de Almeida me refiro.

O *Filindal*, saudoso, que ba tres annos
Na *Semana* fabrica a bella *Historia*
dos sete dias, com talento e graça;
O poeta da *Lyrica*, o adoravel
Causeur de veia tão chistosa e amena;
O illustre companheiro inseparavel
Do Valentim de Magalhães — o poeta
Dos *Vinte Contos*; o Filinto, o Chico
Vae a Lishoa desposar a illustre
Burladora das *Illuminuras*.

Que festa no Helicon!

Apollo excelso

Manda que as aguas da Castalia augmentem
E as de Hippocrene a transbordar comecem.
E em taças de oiro, loucamente, a turha
Dos habitantes do sagrado monte
Vão hhandando, com gaudlo, o delicioso
Liquido inspirador das epepeias.

Em pouco o effeito a produzir começa
A agua das fontes privilegiada,
E deuses, deusas, satyros e nymphaa
Uma chuva de versos principiam
A derramar sobre os mortaes extaticos.
E a encosta, aos tramholhões, do outeiro descem,
Em hacchanal turbilhonando tontas.

E em meio d'elles o Filinto, envoltos
Os pés mimosos em folhagens verdes,
De pampanos á frente uma guirlanda...

Isto o principio, o mais a gente vendo
Só é que pôde pequenina idéia
Formar da *historia*. De festaçã identica
Não reza a chronica do Olympo excelso.

Mais eu podia referir; podia
De Vulcano falar, falar de Venus,
Que hão de ir á festa, como Marte e Ceres,
E as maia deusas e deuses celebrados;
Podia maia, qual *Souvenir* de outr'ora,
Da elegancia pagan fallar naa modaa,
Nas *fanfreluches* d'esse tempo e em outros
Quipures, *jupes* e *corsets* e o resto.
Entretanto não falo: pedantismo
Chamariam os zoilos maldizentea,
E eu d'esses zoilos maldizentes fujo.

* .

Parte o Filinto, mas nos fica a bella,
A encantada *Semana* deliciosa,
Que, aos sahhados, a quem quizer, fornece
Verso dos bons e prosa das melhores.
Tudo isso por cem réis, cem réia aómente!
Leitor, se tu tens gosto e tens talento,
Compra a *Semana* aos sabbados; merece
Todo o auxilio do publico a *Semana*.

RODRIGO OCTAVIO

(Da *Cornucopia* do *Diario de Noticias* de 13 do corrente.)

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Apareceu no dia 10 do corrente *O Homem*, o esperado romance naturalista do nosso distincto collahorador Aluizio Azevedo.

Não cabem no pequeno limite d'esta secção as linhas que temos de traçar sobre este trabalho, indubitavelmente uma obra de muito merecimento e de grande valor artistico.

Acahamos de lel-o e as bellissimas impressões que d'elle recebemos obri-gam-nos a extenso juizo.

Por ora, apenas muitos parabens a Aluizio, não só pelo seu *Homem*, como obra litteraria, como pela enorme venda que tem tido.

Sob o titulo *As axas de Icaro* publicou o capitão Fernando de Almeida Junior um drama em 5 actos.

D'este trahallo já ha mezes o seu illustre auctor fez leitura no Recreio Dramatico, leitura a que assistimos.

As axas de Icaro é um drama bem escripto e de bellissimas intensões. As scenas são feitas com talento e o seu enredo é interessante, deaenvolvendo-se naturalmente, com hrilhantismo e sem fadiga para o leitor.

E' uma obra digna de ser representada e que, no emtanto...

Pobre theatro nacional!

O *Conde Lopo*. Poema inedito de Alvares de Azevedo. Este nome na historia litteraria do nosso paiz representa uma glorificação. Vê-lo figurando no frontespicio de trahalhos, até hoje ignorados e esquecidos, é, para nós, a melhor recommendação que podem ter semelhantes trahalhos.

Quem os publicou, auctorizado pela veneranda mãe do grande poeta, não pôde esperar a voz da critica sobre *O Conde Lopo*. Esta já consagrou o seu desditoso auctor, e hoje, envolvida em infinita saudade, tem a sua penna em funeral ante a memoria d'aquelle que

«Foi poeta: cantou, sonhou: a vida
Canto e sonhos lhe foi...»

Nevoas Matutinas. Poesias do Sr. Rodrigo Theophilo Gomes Ribeiro.

Naa suas linhas — *á minha mãe* diz o Sr. Theophilo:

«Prohibistes-me de escrever versos:— ter azas e não poder voar; ter um dom de vos comprehender e sentir, tal como se deve aentir e comprehender sua mãe, e ver-me privado desse dom. Não obstante, como obediente que sempre fui, que aou e que hei de aer sempre, reaignei-me e por algum tempo não escrevi mais versos. Mais tarde, porém, agora, eis-me voando... eis-me escrevendo versos. Será uma desobediencia? Penso que não.»

E', sim aenhora! E' grande desobediencia! A mães adivinham sempre: são umas sanctas. Se o Sr. Theophilo ouviu os conselhos de sua extremosa mãe, não estaria agora a ouvir de extranhos o seguinte conselho: Não escreva versos e, se quer escrevel-os, aprenda as regras da metrificacão, Sr. Theophilo.

E é o que temos a dizer das *Nevoas Matutinas*.

S.

A BOA ESTRELLA

Já segredo não é, senhora minha,
Esta paixão ardente,
Que tinhas n'alma e que em mín'alma eu tinha:
Tanto esse casto e brando
Amor, ingenuamente,
Foi por montes e vales proclamando.

Algun passaro, um dia, ouviu-m'o aceso,
E foi-se ares em fôra
A outro contar, por indiscreto, o onso;
Este o que ouvia áquelle
Passou adeante... e agora
Esta rustica gente sabe d'elle.

D'estes rusticos bons trabalhadores,
Que sabem do segredo
Das teus affectos e dos meus amores,
Nenhum ha que me veja
E me não lance a medo
Os olhos cheios de profunda inveja.

Lançam-me uns grandes olhos invejosos,
Como si acaso eu fosse,
Fosse dos ricos ou dos poderosos...
E' que elles no passado
Bem viram quanto é doce
Amor e ser, ao mesmo tempo, amado.

Elles, largando a rêdea á phantasia,
Já por estes caminhos
Cuidam nos ver ao descambar do dia,
Atentos ás saudadas
Canções dos passarinhos,
Troando beijos e colhendo as rosas.

Hão de os olhos seguir-nos quando a estrada
Sorrindo atravessarmos,
A tua mão nas minhas mãos pousada,
Esta rustica gente
Dirá quando passarmos:
— Como elle vai alegre e ella contente! —

E nas longas noites palestrando,
Ha de ir, convicta, a creanga
Por montanhas e vales proclamando
— De que se vê nos ares
Uma estrella suspensa,
Branca e tranquilla, sobre os nossos lares.

J. DIAS DA ROCHA.

JORNALS E REVISTAS

Após uma interrupção de algum tempo, reapareceu a *Revista dos Estudos Livres* (ns. 1 o 2 do 4o vol.) Foi essa interrupção motivada pelos infaustos successos que enlutaram os lares dos seus directores. Teixeira Bastos esteve ás portas da viuvez, fallecendo o seu primeiro filho, boras depois de nascido; e Theophilo Braga passou pelo borriovel e duplo golpe de perder, em menos de quatro mezes, os seus dois unicos filhos, duas crianças formosas e intelligentes. Passada essa onda de trevas e lagrimas, voltam os dois valentes escriptores ao seu duro labor scientifico e litterario. O summario d'este numero da *Revista* (que tem 104 paginas) é abundante, variado, attractivissimo. Traz, entre outros trabalhos, um importante estudo historico de Theophilo Braga sobre a Grecia, uma abundante e judiciosa *Bibliographia* da F. Bastos e um curioso conto de Sá Cbavss—*O facto*.

Esta notavel revista é editada pela «Nova Livraria Internacional», de Lisboa, á qual devem ser enviados os pedidos de assignatura.

Sob a propriedade e redacção dos Srs. José Gertam e Pedro Vianna, appareceu em Porto Alegre um importante periodico — *Revista Musical*.

Os numeros que possuímos, que são de 1 a 6, trazem varios trabalhos consagrados á musica e biographias de distinctos compositores. Acompanha-os um supplemento, polka, walsa e etc. E' pois uma excellente publicação. Vida mathusalenica é o que lhe desejamos.

Temos o n. 18 d'A mãe de familia. Publicação dedicada á educação da infancia e hygiene da familia. Apparece sob a direcção do distincto clinico Dr. Carlos Costa.

Do Piauby chega-nos o n. 4 d'A Revista Mensal. Traz bons artigos litterarios e scientificos.

Com o titulo *O Espelho*, começou a publicar-se aqui um novo collega illustrado (não confundir com «illustrado collega»). Traz na 1ª pagina o primeiro numero d'*O Espelho* um bom retrato do visconde do Rio Branco, desenhado por Drouzi (Izidro?) e nas outras engraçadas caricaturas sobre varios assumptos, devidas ao lapis de Onipled (Delpino?) O texto não satisfaz: muitos versos e ruins, alguma prosa e pessima. Melbore o texto, aperfeiçoe as illustrações e o *Espelho* não quebrará tão cedo. Além de que, é baratissimo: 500 reis por mez, 100 reis o numero avulso.

Esperamos que o publico ba de, afinal, mirar-se neste *Espelho*.

O n. 13 d'A *Vida Semanaria*, que se publica em S. Paulo, dá-nos engraçadas caricaturas e um texto bellissimo. Neste apparecem uns magnificos versos de Theophilo Dias—*Nocturno*, e uma deliciosa *Carta Chinesa* de Olavo... Ob, disbol de Pe-Ho, queremos dizer

O Mequetrefe n. 442. Traz boas caricaturas e um texto bem escripto.

O Occidente, revista illustrada que apparece em Portugal, insere em seu n. 314 bonitas illustrações. No seu texto, entre outros escriptos de merito, salienta-se uma excellente *Chronica Occidental*, de Gervasio Lobato.

Temos o n. 170 da *Revista de Engenharia*. Tracta de mineração, industria, saneamento, electricidade e de outros assumptos.

Muito bom.

O Estudo, n. 14. Anno II. Contém bons escriptos. E, como o collega entrou no seu 2o anno de existencia, accite as nossas felicitações.

Registramos boje o apparecimento de mais um collega—*O Guarda-Livros*.

Esta nova publicação é dedicada ao commercio, á industria e ás letras. Prosperidades.

A.

PLATÉIAS E SALÕES

ASSALTO DE ARMAS. RINK GUANABARENSE. CONCERTOS CLASSICOS. SEM LUVAS.

O Club Beethoven proporcionou aos seus socios e convidados um esplendido saalto de armas, que teve logar no dia 23 do mez passado.

Merecem especial menção os exercicios feitos pela tripolação da corveta ingleza *Ruby*, perfeitamente disciplinada, e os de *tacape*, por um cavalheiro, cujo nome nos escapa.

Gamarra, Vezin, Fontenelle, Servilio, Kinsmann Beojamin e todos os outros fizeram-se admirar pela sua elegancia e firmeza no difficil jogo da esgrima.

O Club Guanabarense, inesgotavel nos seus desejos de offerecer aos seus socios todos os mais bellos divertimentos, inaugurou, no dia 2 do corrente, o seu Skating-Rink, perante numerosa concurrencia, composta do que temos de mais distincto no nosso *high life*. A sala de patinação é bastante espaçosa e ornada com apurado gosto. No campo que lhe fica fronteiro pretende o Club preparar um prado para corridas em velocipede e pequiras, tiro ao alvo, cavallinhos de pau, exposição de flores, e levantar uma larga archibancada para as senhoras. Emfim, um verdadeiro paraíso, um recreio para criançae de todas as edades.

O Club Guanabarense fornece pois por 50000 mensaes (uma ninharia!) um magnifico concerto e baile, patinação tres vezes por semana (e com musica!) cá com torradas todas as noites (e que torradas!) e além d'isto tudo, vai montar um theatrinho, para o qual já se acham convidados festejados amadores. Optimo e barato!

Optimo tambem o concerto classico de domingo passado. O salão acabava-se repleto, e todas as peças obtiveram prolongadas palmas.

Entretanto destacaremos a distincta amadora D. Cecilia Lage, a quem apresentamos nossas felicitações pelo seu estrondoso successo, felicitações que se renovam toda vez que toma parte um concerto, pois que, como cantora e como senhora, sempre é credora de admiração e applauso.

Carlos de Mesquita nos prepara um festival musical que ha de fazer echo nos annaes da nossa vida elegante. Que venha... Aguardamol-o sem luvax—para applaudir melbor.

D. PICOLINO.

Nenhuma ambição pequena ousa renacer das cinzas ds ambições grandiosas.

G. CASTELLO BRANCO

VIRGILIANAS

(ECLOGA 4ª)

Mais alto um pouco o tom, siclas musas!
Humilde arbusto, e tamargueira humilids
Nem a todos a agradam: — se cantamos
Selvas, — selvas de um consul dignas sejam!

Eis já chegado o derradeiro tempo
Da cumea prophecía: recomença
Serie illustre de seculos: já volta
Astréa, volta de Saturno o reino:
Do alto céu desce emfim nova progeñe.

Tu, ó casta Lucina, ampara e assiste
Ao tenro infante, que, ao nascer, demarca
A ferrea idade o fim, á aurea o principio
No orbe inteiro. Já reina o teo Apollo.

Sob o teu consulado essa gloriosa
Era, insigne Pollião, terá começo,
E os grandes mezes abrirão seo curso.
Se ainda ha vestigios dos delictos nossos,
ora apagados, sob os teos auspicios,
O mundo livrará do eterno medo.
Tendo vida divina, elle promiscuos
Verá deuses e heróes, e, proprio, entre allex
Ver-se-á tambem, e ha de reger o mundo
Pelas patrias vitudes applicado.

A ti, creança, os seos primeiros mimos
A terra inculta offertará gostosa,
A hera errante estrelada ao baccaro,
A colocasia entre o jucucado acanbo.
Por si as cabras voltarão á casa

Co's tétas pelo leite distendidas,
E as greys imbelles aos leões terríveis
Nunca mais temerão; teu proprio berço
Se adornará da: mais mimosas flôres;
As cobras morrerão, tambem morrendo
A herua fallaz que ten veneno occulto.
A cada canto brotará viçoso
O odorifero amomo assyrismo.

Breve, porém, virá tempo de teres
Os louvores de heróes, feitos paternos,
E de saberes da virtude o alcance.
Então a pouco e pouco loureando
Ir-se-á o campo com a madura espiga,
E a uva em cachos penderá vermelha
Do agreste silveiral, e como orvelho
O mel transudará dos duros robles.

Persistirão, porém, da antiga culpa
Alguns vestigios, que farão que o bouem
A's oodas se aventure em frajeis barcos,
Nure cidades, e arroteie o sofo.
Novo Typhis virá, virá nova Argos,
Que esculhidos beróes levem seguros:
Outras guerras tambem, e um grande Achilles
Contra Troia será de novo enviado.

Quando os annos depois te a vigorarem,
O proprio nauta os mares abandone,
Nem mais o pineo barco as ondas sulque,
Levando, a permutar, mercadorias.
Tudo produzirá a terra toda,
Sem que soffra do ancinho os duros dentes,
Sem que da foice o gume a vide soffra.
Não mais os touros se verão jungidos
Pelo robusto lavrador. Meis nunca
Na lan se fingirão as varias côres,
Mas o proprio carneiro irá nos campos
Tomar a cor ao lyrio açafroado,
E ao innrica pedir purpuras tintas;
E, quando ao prado os cordeirinos forem,
Tlogirão de escarlate o branco vello.

Fiai, fusos, taes seculos! As Parcas
Assim determinaram, sempre accordes
Com o decreto immutavel do destino.
Cara prole Jivina, é tempo, sóbe
A's mais honrosas distincções da patria,
Tu que és de Jove rebentão glorioso!
Vá como tudo se enche de alegria
Ao ver chegar tão venturosos tempos,
O orbe a nutar sob o couveiro peso,
A terra, o mar immenso, o céu profundo!

Oh! concedam-me os céos um pouco ainda
Desta vida prolixa, alento e estro
O quanto baste a celebrar teus feitos!
Ninguém meu canto excederá, nem mesmo
O Thracio Orpheo, nem Lino, embora assistis-
lhes

Progenitores de divina essência,
A Lino — o bello Apolló, a Orpheo — Calliope.
Se o proprio Pan commigo porlára,
Sendo a Arcadia juiz, tenho por certo
Que Pan se confessara por vencido,
Tendo como juiz a propria Arcadia.

Começa, infante, a conhecer, sorrindo,
Tua mãe carinhosa, ella, que enijos
Longos por ti soffreo por mezes longos.
Começa, infante, a conhecê-la: aquelle
A quem os pais no berço não sorriram,
Nem á mesa de um deus sentar-se pôde,
Nem logra ufano de uma deusa o leito.

LUCINDO FILHO.

PAGINAS ESQUECIDAS

NOITE DE S. JOÃO

Este é o mez dos sanctos foliões,
ruidosamente festejados ao clarão das
fogueiras. Interessante e grata devo-
ção, acalentada a fogos d'artificio, e
dulcificada a melado com cará e a can-
nas assadas na ara do incruento sacri-
ficio.

Viva a religião alegre, sem padres,
nem incenso, nem lamentos d'orgam,
nem más assombrações de caveiras e
de sermões tetricos! Vivam até as bel-
las superstições lendarias d'estas noi-
tes, as sortes, os prognosticos, as timi-
das consultas, as crendices ingenuas,
que são as sanctas expansões da poesia
de nossa alma de povo ignorante, mas
intimamente bom e affectuoso.

É divertido vêr como aquelles
varões illustres do Catholicismo se
foram tornando amáveis na tradiçãõ
popular. O mais querido e festejado
de todos, o incomparavel S. João, hoje
amado das crianças e das moças soltei-
ras, como está mudado do que foi o
Baptista, o Precursor, o que forneceu
ao martyrologio catholico o seu prato
de sensaçãõ, mais notavel ainda do
que o rosbife de Sancto Estevam — o
sinistro «bors-d'œuvre» da Herodiade!
E o Sancto Antoninho de Lisboa, o
dos «Milagres» que todos nós em
crianças applaudimos boquiabertos no
dramalhão pascasio e encantador!?

Esse, pouco, ou absolutamente nada
mudou: é ainda o milagreiro por ex-
cellencia, o formidavel concorrente da
Senhora Aparecida e da Senhora da
Penha; é o que vae para o fundo do
poço, amarrado pelas donzellas ancio-
sas de ouvirem um representante de
Christo (que, aliás, foi celibatario, um
tanto esquecido da sua maxima — «não
faças a outrem etc.») recitar, em voz
muito séria, os beneficios do matri-
monio. Tem por especialidade fazer
com que se torne a acabar o perdido. —
quando não é a vergonha, ou a con-
fiança; e nisto ainda não lhe leva a
melhor nembuma somnambula ou car-
tomante.

Outro facto que desperta o comen-
tario é ver que no dia 29 só se feste-
ja S. Pedro, posto que o calendario
lá commemore — S. Pedro e S. Paulo.

Ab! o Catholicismo é a religião da
auctoridade, o fundamento do throno,
e o Sr. S. Pedro é o chefe da Igreja:
«Tu es Petrus, et super hanc petram

edificabo Ecclesiam meam». E São
Paulo? apenas o maior genio do Chris-
tianismo.

É certo que, uma vez, o apóstolo
das gentes, achando em erro o outro,
o primeiro papa, o vice-rei divino, cor-
rigiu-o em face: mas isso lá ficou enter-
rado nas sagradas letras, que apenas
o protestante excommungado ainda re-
volve com impia mão irroverente; o
certo e seguro é que S. Pedro é que é
o grande medalhão, o Paranaguá do
Catholicismo; e a maxima da pruden-
cia nestas cousas de auctoridade foi o
Sr. Gaspar Martins quem a formulou
muito bem e para sempre: «O poder
é o poder.» E viva S. Pedro!

Mas fiquem por lá em paz os grandes
homens da politica; se ainda estives-
semos em sabbado de alleluia...; mas
tractar de taes figuras nestes dias de
bons sanctos amáveis, e impertinencia
pue me ha de perdoar, por quem é, a
gentilissima leitora.

A leitora, sim, porque, quando se
escreve prosa amena, é bem visto que
se não pôde ter em mente o marmanjo
d'um leitor, talvez d'oculos. Qual o
escriptor publico tão desventuroso que
não tenha a illusãõ, ao menos de uns
claros olhos innocentes a lhe beijarem,
como um raio de sol primaveril, as
linhas fugitivas?

Venhamos, pois, ao doce colloquio
comvosco, meigas consoladoras da vi-
da...

Já sei! já sei! respondo magestatica-
mente á consciencia, que, para intervir
neste momento de enlêvo, — ai! todo
ideal —, faz-me tinir de encontro á pen-
na o meu anel d'alliança. Dou-me por
avisado, e passo a conversar, pacoato e
patriarchal, como se me estivesse a
rodear um bando de crianças.

Vamos a isso, pois sim! Querem
então que lhes conte uma historia de
noite de S. João, em que haja um caso
de sorte que deu certo? Lembro-me
atê de uma que já contei uma vez, num
folhetim em S. Paulo; serve-lhes, com
certeza, porque nesse tempo nenhuma
das meninas era ainda nascida, e não
creio que a mamãe, ou a mana mais
velha, ou a tia moça, lhes tenha al-
guma vez repetido esse conto.

Pois imaginem que era numa noite
de S. João como esta, muito fria e
muito estrellada, uma chacara do ar-
rabalde, onde se brincava em volta da
fogueira.

Já se tinha lido muita sorte engra-
çada, num livro de versos muito boni-
tos; façam idéa! Já duas ou tree moças
madouras, desesperadas por casar,
baviam ficado atraz de uma porta, com
a bocca cheia d'agua, — e quando digo
que estavam com agua na bocca, era
agua de verdade, e não porque estives-
sem com inveja de outras que conversa-
vavam ali com os namorados; — depois
baviam ficado immoveis, a escutarem
o primeiro nome de bomem, e o pri-
meiro que cada uma ouvisse seria o
do homem com quem bavia de casar.

Já uma menina plantara um dente
d'alho, para crescer da noite para o
dia; já muita gente passara a pés des-
calços por cima das brazas da fogueira,
e sem se queimar! E, como estava a
romper a madrugada do dia de S. João,
um compadre da casa, que era a ale-
gria da sociedade, um sujeito engra-
çado e sabido em toda a especie de
prendas e adivinbações, chamou para
a sala de jantar, onde se ia fazer a sorte
dos ovos.

Nunca ouviram falar na sorte dos

ovos? pois eu lhes conto: — ao annoite-
cer, vasa-se um ovo num calice bem
lavado, mas de bem alto, para que a
gemma e a clara caiam misturadas;
expõe-se o calice ao relento, sem olhar
para elle, e ao amanhecer, então vae-se
ver. Ha sempre o desenho de um obje-
cto qualquer, que dá a conhecer o des-
tino da pessoa para quem se deitou a
sorte; ás vezes é uma corôa, o que
quer dizer que a pessoa ha de chegar a
altas posições; outras vezes, é um na-
vio, que annuncia longas viagens; ou-
tras, é uma igreja, com torres e tudo, e
o individuo acaba padre. De uma vez,
atê, appareceu uma força, e o sujeito
veio a morrer enforcado!

Nessa madrugada, houve nos cali-
ces muitas figuras exquisitas, e era
preciso algumas vezes que a rica ima-
ginação do compadre auxiliasse a pin-
tura; mas num dos calices, — exacta-
mente o do mais interessante rapaz da
reunião, um estudante, filbo da casa,
— debuxou-se um grande sobrado, de
muitas janellas. O compadre bateu as
palmas, entusiasmado:

— Um bello sobrado! é claro: grande
riqueza, sorte papafina, dinheiro a
deitar fóra, vidinha regalada! Toque,
Manduca!

E foi um delirio de parabens ao Ma-
noel pela felicidade indubitavel do seu
futuro.

E o rapazola já se via, em poucos
annos, um Mattosinhos, ou um Mes-
quita, — mas com outra vidoca! pro-
mettia elle aos seus hotões.

Passaram-se annos e annos depois da
risonha madrugada; morreram os do-
nos da chacara, os paes de Manoel,
e deixaram-lhe, e aos irmãos, os mingua-
dos teres, que mal haviam dado
para a formatura do rapaz em medi-
cina; e nada ainda da bella fortuna
esperada! Não havia de vir pela clinica,
pensava razoavelmente consigo o Dr.
Manoel, que não cra nem se julgava
nenbuma notabilidade.

— Talvez pelo casamento! pelo casa-
mento é que bem pôde ser!

E atirou-se aos gordos dotees portu-
guezes da capital; nada! Viajou pela
provincia, com o olho nas heranças do
café. Lá se arranjou de genro em casa
de um fazendeiro que passava pelo
mais rico do municipio; mas pouco
depois morre o homem — insolavel, e
o Dr. Manoel continuava sem dinheiro — e
com familia!

Appellou para as loterias, cuja febre
entrara a abrazar todas as cabeças am-
biciosas, e consumo em hilhetes bran-
cos o melbor das magras economias.

Então precipitou-se no jogo, a todo
transe, a todos os meios, a toda lou-
cura. O vaticinio da noite de S. João é
que o hallucinava; não podia falhar:
havia de ser muito rico, estava escri-
pto, melbor do que isso — estava pin-
tado!

Jogou, como os dosesperados, a últi-
ma camisa e o derradeiro escrupulo!
Afinal, uma noite, numa casa de tavola-
gem, numa roda forte de «lansquet»,
tinba deante de si mais de dez contos
de réis; jogava com uma sorte inau-
dita e com uma audacia desmarcada.
Annunciou uma banca de dois contos
de réis; cartou de pé, pallido mas
firme, e voltou ainda a carta que ga-
nvava.

Mas nesse momento, o pareceiro que
perdia agarrou-lhe no braço:

— Revistem-me este velhaço!
O Dr. Manoel tremeu como um as-
sassinio descoberto; tentou ainda resis-

tir, mas, preso e revistado, achram-lho
num bolso interior um grosso maço
de cartas, sguaes ás do jogo. Estava
explicada a sorte. Quando se viu per-
dido, e perdido todo o lucro da sua
infamia, o desgraçado entrou a rir s a
chorar a um tempo, e depois a dansar
e a cantar! Enlouquecera.

Tempos depois, occupava, na Praia
Vermelha, um lugar no hospicio de
Pedro II, num grande sobrado, de mui-
tas janellas...

Estava cumprido o vaticinio.

LUCIO DE MENDONÇA.

ADÉUS AO FILINTO

Vae-se o Filinto, o trefego Filinto,
Por esses mares fóra alegremente...
E o coração lhe salta de contente,
Emquanto as garns da tortura eu sinto.

Feliz rapaz, teu bem já se nvisinha...
Tene das estrellas a melhor estrella;
E emquanto o riso levas para vel-n,
Eu solto o pranto por não ver a minha.

Pois tambem, como tu, vou camijuhando
Nessa estrada do amor que não se finda;
Se colhes flores, não as colho ainda,
Que certamente és mais feliz amando.

A tua noiva, a doce creatura
A quem teus versos dá e dá tua alma,
Deu-te, em troca, essa vida alegre e cal-
ma,
E o seu talento augmenta-te a ventura.

De certo inda virás mais satisfeito...
E que assim seja, amigo; que a alegria
Não te abandone, que não deixe um dia
De irradiar-te o coração no peito!

ARTHUR MENDES.

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

SOCIÉTÉ DE GYMNASIQUE FRANÇAISE

Esplendida a soirée familiar que
esta sympabica sociedade realisou a
2 do corrente.

Abrilbantava o bello salão crescido
numero de socios e convidados, e entre
estes acabavam-se os Srs. ministro de
França e seu secretario, almirante Ri-
vel, commandante e officiaes da fragata
Arethuse, commandante e officiaes da
camboneira *Etoile*. Dançou-se anima-
damente até á madrugada.

No salão superior do edificio foi ser-
vido *champagne*, e por esta occasião os
Srs. presidente da sociedade, almirante
Rivel e ministro de Frnça, levautaram
cordiaes brindes, que foram correspon-
didos com entusiasticos *hurrahs*.

Devido aos dignos directores, cida-
dãos da colonia franceza, foi para os
convidados mais uma noite deliciosa e
de indescriptivel prazer.

CLUB DOS TUCANOS

Muito animado esteve o saráu, qus a
digna sociedade Club dos Tucanos

effectou, com regular concurrencia, a 1.º do corrente.

As danças prolongaram-se até ao amanhecer, e merecem muitos louvores a estimada directoria, pela ordem que sempre observam em suas bem dirigidas e alegres reuniões.

CLUB DO ENGENHO VELHO

São apreciáveis as noites que se passam nas reuniões promovidas pelo meu conceituado Club do Engenho Velho. Os alegres salões têm sempre grande e conetante frequencia de distinctas familias e cavalheiros, que dão o costumado brilho a estas attraheentes festas.

Soberbo o 5.º sarão concerto que esta distincta sociedade a 1.º corrente effectuou.

Principiou pelo excellente concerto vocal e instrumental. As distinctas e gentis amadoras, que graciosamente accederam ao convite para executarem os lindos trechos de que se compunha o programma, habilmente organizado pelo dedicado director dos concertos, o Sr. Augusto Wiguelin, e assim como os distinctos amadores, desempenharam-se primorosamente, sendo coroados de applausos.

O baile correu animado, e quando cessou eram 4 horas da manhã, restando d'esta festa apenas a lembrança agradável.

SOCIEDADE RECREATIVA S. JOSÉ

Bastante concorrido e animadissimo, esteve o magnifico sarão que esta caprichosa sociedade a 8 do corrente realizou.

Nas duas salas do edificio dançou grande numero de pares, e com a noite prestes a colher nas dobras de seu manto as ultimas estrellas, o baile finalizou.

Muito esmerou-se a digna e amavel directoria em obsequiar os Srs. convidados.

TIO ANTONIO.

THEATROS

RECREIO DRAMATICO

Em primeira representção pela troupe Dias Braga, eubio á scena, neste theatro, no sabbado ultimo, o celebre drama maritimo *O naufragio da fragata Medusa*.

A concurrencia de espectadores á sala de Recreio foi enorme, extraordinaria.

O naufragio da fragata Medusa é uma peça que conta todos os elementos necessarios para prender a attenção do publico amigo de dramalhões. Não lhe faltam scenas commovedoras, extravagantes, e por vezes de irresistivel comico. O espectador é, sem o julgar, empolgado pela sua trama, segue com vivo interesse todo o desenrolar de suas scenas e, por fim, sensibilizado pelas fortissimas situações dramaticas que imprevistamente rebentam no palco, como descargas electricas, prende-se á vida dos personagens que figuram em

primeiro plano na peça, e espera ncoicamente o desenlace de toda aquella engrenagem, unicamente feita para attrabil-o, commovendo-o até ás lagrymas.

O naufragio da fragata Medusa foi recebido com grande contentamento, provocou freneticos applausos, subindo estes em um *trescendo* rapido até o 4.º acto, em que foi bisado o excellente bailado dos cocos, a *guigue* e o engraçadissimo passo a tres dançando pelos actores Maia, Castro e Mesquita, que esteve magnifico, fingido de bailarina.

A scena do naufragio da fragata e da jangada são de grande movimento e de bellissimo effeito.

O desempenho por parte dos artistas Dias Braga, Maia, Maggioli, Ferreira, Livia e Balbina, foi excellente.

Os demais artistas portaram-se na altura dos seus talentos.

A peça está caprichosamente enscenada e vestida com muito esmero.

Inquestionavelmente *O naufragio da fragata Medusa* é um delicioso acepipe para a maior parte do publico que frequenta os nossos theatros. Creemos que lhe está reservada carreira tão brilhante como a do *Conde de Monte Christo*.

Uma mina!
Parabens á empresa.

SANT'ANNA

Na terça-feira ultima deu-nos a empreza Heller a primeira do *Moleiro de Alcalá*, opera comica em 3 actos e 4 quadros, extrahida de uma novella hespanhola, pelos Srs. Eduardo Garrido e A. Lafrique, com musica de Justin Clerice.

O entreocho d'*O Moleiro de Alcalá* cifra-se no seguinte: O moleiro de Alcalá ama Frasquita, sua mulher, e é por ella amado; o corregedor de Granada enamora-se d'ella e persegue-a com impertinentes declarações de amor, mas para execução dos seus planos precisa que Frasquita fique só; manda prender o moleiro e apresenta-se em casa de Frasquita. Esta, perseguida, foge para a rua á procura de quem a defenda, enquanto o corregedor fica em sua casa (d'ella) á espera que se enchugue a roupa que vestia, pois cahira na levada do moinho. Por este tempo o moleiro foge da prisão, sorprendendo em casa, e, para vingar-se, veste a roupa, põe o chapéu e a cabelleira do corregedor, e vai para casa d'elle ter com a senhora corregedora. Fuinha, escrivão ou antes *fac-totum* do corregedor, sabe da fuga do moleiro e manda prendel-o de novo. Em logar do moleiro é preso o corregedor. A corregedora recebe o moleiro como seu legitimo esposo, tractando como intruso o proprio corregedor até que Frasquita apparece acompanhada por terriveis fauquistas, a reclamar o esposo.

Como se vê, é um entreocho este muito simples e de velhissimas *ficelles*, servindo apenas de motivo a magnificos trechos de musica, com quanto escriptas com pouca originalidade.

A interpretação dada ao *Moleiro de Alcalá* agradeu immensamente. sobresabindo, pelo muito realce dado aos seus papeis, os artistas Guilherme de Aguiar (corregedor de Granada), Vasco (moleiro de Alcalá), Peixoto (Fuinha), Lisboa (secretario do ministro), Roaa Villiot (Frasquita) e Maesart (corregedora) que apeznr de

dizer com pouca animação o seu papel, cantou-o com muita expressão.

Os coros estão bem ensaiados.

Quanto á *mise-en-scene* para não estarmos a gastar adjectivos já gastos, basta dizermos que é ella devida ao Heller. Está feito o seu elogio. Heller nestas cousas é synonymo do maravilba.

O moleiro de Alcalá foi muito applaudido. Houve chamados á scena e a empreza foi victoriada freneticamente.

PHENIX DRAMATICA

No sabbado, 1 do corrente, sob a direcção do actor Primo da Costa, inaugurou a empreza d'este theatro os seus trabalhos, representando o celebre drama em verso *D. João Tenorio*.

A peça de Zorrilla é filiada no genero romantico e foi traduzida magistralmente em bellos versos por F. Caldeira.

O papel de *D. João* foi interpretado por Eugenio de Magalhães, que, pondo em jogo todo o seu grande talento e suas provadas aptidões artisticas, deu verdadeiro realce ao seu personagem, dizendo com vivissima expressão os seus versos e mantendo-se com muita correção no seu desempenho. A nosso ver é este um dos seus mais brilhantes papeis.

Primo da Costa, Heitor e outros artistas representaram bem os seus papeis.

A parte de *D. Ignez* foi confiada á actriz Bellido, que a interpretou com ngrado geral.

A peça está bem ensaiada, bem vestida e tem magnificos scenarios.

P. TALMA.

COLLABORAÇÃO

SONETO

A VICTOR MENDES

Nada sabe do mundo o que sómente
Passa a vida entre risos... a sonhar...
Por que, cheio de mimos, — insciente,
Ignora o que é soffrer, o que é chorar...

Mas ai ! que pode ainda esse innocente
Nas garras do infortunio vir penar...
—Que a rosa põe effluvios no ambiente,
Para os curvos espinhos occultar...

Só então saberá o quanto pena
A minha'alma, na sua desventura,
Que um destino feroz tanto envenena...

Mas... — provando este calix d'amargura,
Talvez perca a razão, a luz serena,
Que ostento — no cairé da sepultura...

Falcão, Setembro de 87.

MANOEL VICENTE DE FIGUEIREDO.

FACTOS E NOTICIAS

FILINTO D'ALMEIDA

A bordo do *John Elder*, partio no dia 12 do corrente com destino a Lisboa o nosso querido companheiro de redacção.

Filinto vai desposar a Exma. Sra.

D. Julia Lopes, filha do illustrado e respeitavel facultativo e homem de letras Dr. Valentim da Silveira Lopes, e irmã da nossa gentil e applaudida collaboradora das *Palestras femininas* — que ninda boje faz honra ás nossas columnas — a Exma. Sra. D. Adalina A. Lope Vicira.

Em fins de Dezembro d'este anno, ou principios do vindouro, deve estar de volta o nosso amigo com sua adorada consorte.

Casados, Filinto d'Almeida, o poeta maviosissimo da *Lyrica*, o adoravel *Filindal* da *Historia dos sete dias*, e Julia Lopes, a *conteuse* deliciosa dos *Contos Infantis* e dos *Traços e Illuminuras*, é de eaperar que «tenham muitos... livros»; como espirituosamente disse *Eloy*, o *heróe* no gentil artigo com que se despedio do seu e nosso amigo, no *De Palanque*, o *Novidades* de 11 do corrente.

Filinto d'Almeida, pelo seu caracter nobilissimo, pelas suas peregrinas qualidades mornas, é digno de todas as venturas: todas lhe desejamos, todavia auguramos cordialmente.

Em outro logar d'esta folha transcrevemos a parte da ultima chronica em verso, de Rodrigo Octavio, — esse jovial, bondoso e intelligentissimo collaborador do *Diario Noticias* e d'esta folha — em que se refere á partida do nosso *Filindal*.

Em nome do nosso amigo e no d'*A Semana*, agradecemos as boas e sinceras palavras do poeta dos *Poemas e Idyllios*.

DECLARAÇÃO

O abaixo assignado tem a honra de declarar que a propriedade litteraria do poemeto — *Luiz de Camões* — de que é autor, pertence no Imperio do Brazil aos Exmos. Srs. Dr. Valentim Magalhães e João Joaquim de Araujo Carvalho, ambos residentea no Rio de Janeiro.

Porto, 20 de agosto de 1887.

JOAQUIM DE ARAUJO.

RECEBEMOS

— *Pontos de Historia do Brazil*, 4.º e 5.º fasciculos. Coordenados e redigidos pelo professor Villa-Lobos.

— *A Herdeira de Birague*, fascs. 2 e 3. Obra de H. de Balzac, que está sendo traduzida por H. Maset.

— *The Rio News*, n. 28.— *Revista do Observatorio*, n. 9.

— Da casa *Au Petit Journal* o n. 37 do *Salon de la mode*, jornal de modas e figurinas.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde — Rua do Carmo 34.

Dr. Cyro de Azevedo. — Advogado. Das 10 ás 4 horas. — Becco das Cancellas n. 2.

Dr. André Rangel. — C. Rua da Quitanda n. 99. R. Rua do Cosme Velho n. 4 B.

F. Navarro do M. Salles — encarga-se de defezas perante o jury. Muzambinho—Minas.

Dr. Araujo Filho — Medico parteiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, n. 36

Julio Cezar Tavares Paes encarraga-se ds liquidacoes amigaveis ou judiciais na cidade de Muzambinho e ssu termo.

O Hotel Derby, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com acoio e optima cosinba. Esplendido terraço com caramanchões.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frsnta à rua da Quitanda.

**C ?
CAN ?**

Pharmacia Monteiro Praça da Constituição n. 28, sm frente á esttua. Vinho ds pepsina e diastase paucresatinado, preparado por Monteiro & Marques.

Almanack de Casa Branca Sairá a lume em Dezembro esta obra, publicada por Wenceslau d'Almeida e Lafayette de Toledo. Preço 2\$000.

Pharmacia Americana ds Vicsnts Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocinio. E. de F Leopoldina. Minas.

Solicitador—Francisco R. de A Nvaes—Juiz de Fóra.

Augusto Luzo.—incumbese grauitamente de causas de liberdades na Cidade do Muzambinho—Minas.

Compra-se uma machina de cortar papel, de lamina não infrior a 60 centímetros; recebem-ss propostas no sscriptorio d'esta folba ou sm Ouro Preto, casa do Coronel Fabricio Ignacio de Andrade.

**C ?
CAN ?**

SOARES DA CAMARA

CHIMICO PHARMACEUTICO

Analyses de productos naturaes s industriaes, ds urinas, calculos s áreas da bexiga.—Rua 1º de Março n. 22, pharmacia e drogaria.

ONDULAÇÕES SONORAS

Poesias do Padr. M. A. Ferreira Academico. A' venda na Livraria Garnier; cada vol. broch. 3\$000. Encad. 4\$000.

Imperial Fabrica de Cerveja e aguas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz ds Fóra.

Alvares matinaes, poesias de Carlos S. ds Avellar Brotéro, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Afonso Celso Junior. A sair do prélo. Prsço de volums : 2\$000.

ALFAIATARIA

11 RUA DOS ANDRADAS 11

Estabelecimento montado a capricho, com um completo e variadissimo sortimento ds casimiras, pannos, diagonaes, etc. para roupas por medida. Tsm roupas feitas, primorosamente acabadas, assim como uma enorme variedade de camisas, ceroulas, punhos, meias, lenços, gravatas, etc., etc.

PREÇOS COMMODOS

11 RUA DOS ANDRADAS 11

J. DA SILVA LOPES

LYCEU DE S. GONÇALO

Provincia de Minas Geraes, cidade de S. Gonçalo do Sapucahy

Neste collegio leccionam-se todas as materias do curso primario s as do secundario necessarias á matricula nos cursos superiores do Imperio.

As aulas funcionam desde o dia 7 de Janeiro até o ultimo dia util de Outubro.

O DIRECTOR,

José Gomes dos Santos Guimarães.

OBRAS COMPLETAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

O primeiro a publicar, RETRATO DE RICA RDINA todos os volumes serão *Illustrados de uma esplendida gravura executada pelos Sis.*

CONDEIXA, HEITOR & LALLEMANT

Com este volume daremos, além da gravura um RETRATO DO AUCTOR aos 33 annos, mais tarde com outro volume, offereceremos aos nossos assignantes um bom RETRATO MODERNO DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

A edição é LUXUOSA. A publicação far-ss-ba em fasciculos de 72, ou 60 paginas s uma GRAVURA, pelo preço de 500 rs, cada uma entrega quinzenal. Está aberta assignatura na Rua do Hospicio n. 57, sobrado.

Toda a correspondência a J. A. Roque, representante dos Livreiros editores Campos & C., de Lisboa. Aceitam-se correspondentes nas provincias, dando-se boas vantagens. Para tratar-se na rua s numero supra.

Obras que se acham á venda na Rua do Hospicio n. 57 sobrado, Succursal de Campos & C.

José Antonio de Freitas

HAMLET, tragedia sm 5 actos, prescida dum notavel estudo critico, um grosso vol..... 4\$000

OTHELO, tragedia em 5 actos. 1\$500

Henrique Lopes de Mendonça

O DUQUE DE VIZEU drama sm 5 actos, tendo junto A NOIVA, drama em 1 acto..... 4\$000

SGANARELLO, comedia em 1 acto de Molière, versão.... 800

Está aberta a assignatura do *Jornal do Domingo*, dão-se gratis aos Srs. assignantes os numeros que lhes faltarem.

Eckmann Chatrian

O ILLUSTRE DR. MATHEUS, um elegante vol. ornado com 16 estampas e capa desenhada por Bordallo Pinheiro..... 2\$000

D. Guiomar Torrezão, Moura Cabral, Gervasio Lobato, Fialbo d'Almeida, Julio Cezar Macbado s Candido ds Magalhães *Contos Cór de Rosa*.... 2\$000

Braz Tizana Junior

CASAMENTO IMMACULADO 800

POR VARIOS ESCRITORES

UNIVERSO ILLUSTRADO, 5

vol. com 524 gravuras..... 25\$000

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéos ingleses s francses encontram-se na

CHAPELARIA INGLEZA

special só em chapéos finos

120 Rua do Ouvidor 120

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e prsços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recbem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidads de preços.

LYRICA

DE

FILINTO D'ALMEIDA

Primoroso volume de poesias, elegantemente impresso a duas côres. 300 paginas.

Prsço..... 3\$000

A' venda nas livrarias Garnier e Laemmert, s no escriptorio d'esta folba.

VERSOS E VERSÕES

DE

RAYMUNDO CORRÊA

Magnifico volume de poesias, nitidamente impresso.

Prsço..... 2\$000

A' venda no sscriptorio d'esta folba e nas livrarias Garnier e Laemmert.

Typ. d'A Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado